EFEITOS DA INSTABILIDADE GEOPOLÍTICA SOBRE A INFLAÇÃO BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DOS ÍNDICES DE PREÇOS E DO CONSUMO

Raquel Figueiredo Carvalho Berbert, Alberto Manoel Scherrer
Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova – 12244-000 – São José dos Campos-SP, Brasil, raquelfcberbert@gmail.com, scherrer@univap.br.

Resumo

A instabilidade geopolítica global afeta a vida do brasileiro de formas que muitas vezes passam despercebidas: quando conflitos eclodem em regiões produtoras de petróleo, o preço do barril dispara e encarece combustíveis, transportes e alimentos no Brasil. Este trabalho, de natureza de revisão de literatura, analisa como choques externos de petróleo – com ênfase no conflito bélico entre Estados Unidos e Irã, iniciada em 28 de fevereiro de 2026, e na interrupção do tráfego pelo Estreito de Ormuz – se transmitem para o IPCA e para o IGP-M, afetando o poder de compra das famílias. Com base em séries do IBGE, do FGV-IBRE, do Banco Central e da U.S. Energy Information Administration (2022–jun/2026), o estudo demonstra que escaladas militares têm efeito imediato sobre o petróleo e sobre o custo de vida no Brasil, mas também que parte do repasse foi amortecida pela valorização do real, já que o país é exportador de petróleo e mantinha juros elevados. Ao final, são propostas medidas estruturais para reduzir essa vulnerabilidade, como incentivo a veículos elétricos, fortalecimento da produção agrícola nacional, diversificação da matriz energética e incentivo à educação financeira.

Palavras-chave: Inflação. Geopolítica. Petróleo. IPCA. IGP-M.
Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas – Administração.

Introdução

Em 2026, o brasileiro, enquanto consumidor, foi ao supermercado e se deparou com o tomate mais caro, foi abastecer e o preço da gasolina tinha aumentado exponencialmente, o aluguel também subiu. Pouco sabia, talvez, que parte dessa pressão nos preços tinha origem a mais de dez mil quilômetros de distância – no Estreito de Ormuz, uma faixa de água de apenas 33 km de largura que separa o Irã da Península Arábica e por onde transita cerca de um quinto de todo o petróleo consumido no mundo (OMI, 2025). Esse exemplo ilustra um princípio central da macroeconomia contemporânea: em um mundo globalizado, eventos geopolíticos distantes se convertem, com rapidez surpreendente, em variações nos índices de preços que determinam o custo de vida de populações inteiras.

O Brasil é um país emergente, com uma economia diversificada, mas estruturalmente vulnerável às oscilações do mercado internacional de commodities – especialmente o petróleo. Essa vulnerabilidade se manifesta nos dois principais índices de inflação do país: o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), calculado pelo IBGE, e o IGP-M (Índice Geral de Preços – Mercado), apurado pela FGV-IBRE. Compreender o funcionamento desses indicadores e os mecanismos pelos quais choques externos os afetam é fundamental não apenas para economistas e gestores públicos, mas para qualquer cidadão que deseja tomar melhores decisões sobre seu orçamento, seus investimentos e seu cotidiano.

A guerra entre Estados Unidos e Irã, iniciada em 28 de fevereiro de 2026 e agravada pela paralisação do tráfego no Estreito de Ormuz (Poder360, 2026), representa o maior choque de oferta de petróleo desde a invasão russa à Ucrânia em 2022. Seu impacto nos preços brasileiros, embora mediado por fatores cambiais e pela política de preços da Petrobras, é real e mensurável. O objetivo deste trabalho é analisar como esses eventos macroeconômicos internacionais influenciam os índices de inflação no Brasil e afetam o custo de vida da população, propondo ao final medidas para reduzir essa dependência estrutural.

Metodologia

Este trabalho adota a natureza de Revisão de Literatura, com abordagem qualitativa. O levantamento bibliográfico foi conduzido nas bases SciELO, Google Scholar e repositórios institucionais, com os descritores: inflação, petróleo, IPCA, IGP-M, geopolítica e choque externo, em português e inglês. Foram selecionados estudos publicados entre 1983 e 2026, priorizando os mais recentes. Complementarmente, foram utilizadas séries históricas do Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS) do Banco Central do Brasil, os boletins mensais do IBGE e do FGV-IBRE, o Short-Term Energy Outlook da U.S. Energy Information Administration (EIA) e cotações do Brent divulgadas por Trading Economics e Statista, cobrindo o período de 2022 a junho de 2026. Entre os estudos selecionados, destacam-se Hamilton (1983), Blanchard e Galí (2010) e Freitas, Costa e Santos (2025), que fundamentam a análise dos canais de transmissão dos choques de petróleo para os preços internos. A análise seguiu o modelo de síntese narrativa, articulando os dados empíricos com esse referencial teórico.

Resultados

O que é o IPCA e o que é o IGP-M?

Antes de compreender como a geopolítica afeta a inflação brasileira, é necessário entender os instrumentos que a medem. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é o indicador oficial de inflação do Brasil, calculado mensalmente pelo IBGE por meio do levantamento de aproximadamente 430 mil preços em 30 mil estabelecimentos de 13 áreas urbanas do país. Ele mede a variação de preços de uma cesta de produtos e serviços consumida por famílias com renda de 1 a 40 salários-mínimos, sendo a referência oficial do governo federal para o sistema de metas de inflação e para as decisões de política monetária do Banco Central (IBGE, 2024).

O IGP-M (Índice Geral de Preços – Mercado), por sua vez, é calculado mensalmente pela Fundação Getulio Vargas (FGV-IBRE) e funciona como um termômetro mais amplo da economia. Sua fórmula combina três componentes: o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), com peso de 60%; o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), com 30%; e o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), com 10% (FGV, 2025). Por ter 60% do seu cálculo baseado nos preços que os produtores recebem no atacado – e não no que o consumidor final paga –, o IGP-M é muito mais sensível às oscilações do dólar e do petróleo, reagindo de forma mais rápida e intensa a choques externos. Não por acaso, é o IGP-M que serve de base para reajuste de contratos de aluguel, tarifas de energia elétrica e telefonia no Brasil – o que significa que sua alta impacta diretamente o orçamento das famílias, mesmo que de forma indireta.

Um aspecto frequentemente negligenciado é a relação entre o IGP-M e a taxa de câmbio. Como o IPA – seu componente de maior peso – reflete os preços de commodities como soja, minério de ferro, petróleo e derivados, cotados em dólar no mercado internacional, uma depreciação do real amplifica o IGP-M. Foi o que ocorreu em 2024, quando o índice acumulou alta de 6,54% – muito acima do IPCA de 4,83% – em parte por esse mecanismo (FGV, 2025; IBGE, 2026). O episódio de 2026, porém, mostra que o canal cambial não opera em uma única direção. Mesmo com o Brent em máximas de mais de uma década, o real se valorizou: o dólar encerrou 2025 cotado a R$ 5,489 e, em 13 de abril de 2026, no auge do choque, foi negociado a R$ 4,97 – menor patamar desde março de 2024 (Exame, 2025; CNN Brasil, 2026). Como o Brasil é exportador de petróleo e mantinha a Selic em patamar elevado, o choque atraiu fluxo estrangeiro e valorizou o real, atenuando parte do repasse aos preços internos.

O caminho do petróleo até o carrinho do supermercado brasileiro

Para entender como um conflito no Oriente Médio chega ao bolso do brasileiro, é preciso traçar o caminho que o petróleo percorre desde o campo de produção até o caixa do supermercado. Esse caminho é mais curto e direto do que a maioria imagina.

Primeiro passo: a declaração ou o conflito. Quando um presidente como Donald Trump anuncia possíveis ações militares contra o Irã, ou quando Israel ataca instalações estratégicas iranianas, o

mercado futuro de petróleo reage em minutos. Em junho de 2025, ataques israelenses ao Irã elevaram o Brent em 7,02% em um único pregão, para US$ 74,51 (Correiobraziliense, 2025). Em 2026 o movimento foi muito mais intenso: às vésperas da guerra o barril valia cerca de US$ 72 e, em 2 de abril, o Brent datado superou US$ 140, maior patamar desde 2008 (Trading Economics, 2026). Isso porque o mercado não espera a escassez ocorrer: ele precifica o risco de forma antecipada, fenômeno já descrito por Hamilton (1983) como um dos principais canais de transmissão de choques externos para a atividade econômica.

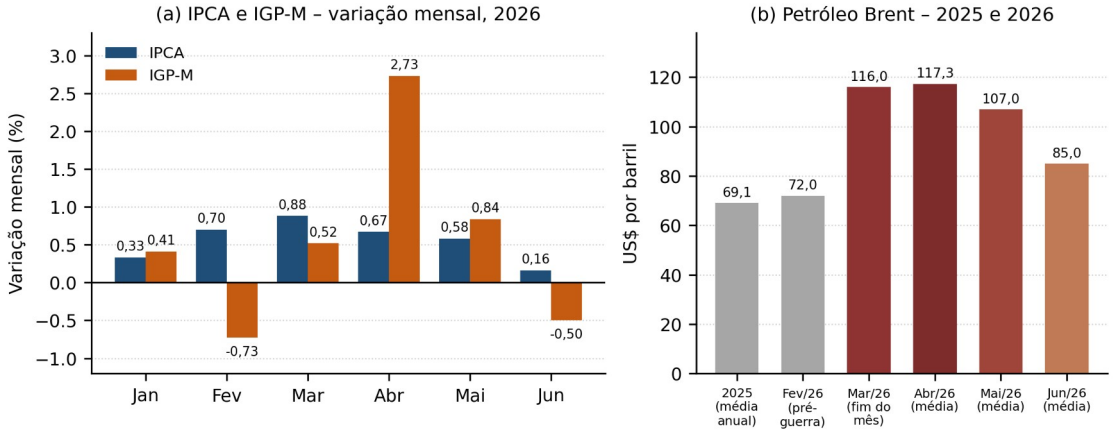
Segundo passo: os combustíveis no Brasil. O preço do petróleo Brent é a principal referência para o diesel e a gasolina no Brasil. Quando o Brent sobe, os custos de refino e importação aumentam, pressionando os preços nas bombas – relação confirmada empiricamente para o caso brasileiro por Freitas, Costa e Santos (2025). Em março de 2026, a gasolina subiu 4,59% em um único mês, tornando-se o item de maior impacto individual no IPCA daquele período; em abril a alta desacelerou para 1,86%, acumulando 8,08% no ano (IBGE, 2026).

Terceiro passo: os caminhões e o frete. O Brasil é um país de dimensões continentais com matriz logística predominantemente rodoviária. Cerca de 65% de toda a carga transportada no país passa por caminhões – e caminhões rodam a diesel. Quando o diesel fica mais caro, o custo do frete sobe. Esse custo é repassado, ao longo de toda a cadeia, a tudo que é transportado – frutas, verduras, grãos e produtos industrializados.

Quarto passo: os alimentos na prateleira. O grupo Alimentação e bebidas é o de maior peso no cálculo do IPCA, representando cerca de 23% da cesta. Em março de 2026, esse grupo subiu 1,56% em um único mês, com destaque para tomate (+20,31%), cebola (+17,25%) e batata-inglesa (+12,17%); em abril avançou mais 1,34%, puxado por cenoura (+26,63%), leite longa vida (+13,66%) e cebola (+11,76%), acumulando 3,44% no primeiro quadrimestre (IBGE, 2026). Parte dessa alta reflete o diesel, parte reflete os insumos agrícolas – também cotados em dólar. O resultado é que o brasileiro sente no bolso, sem necessariamente compreender, o impacto de decisões tomadas a milhares de quilômetros de distância.

Quinto passo: o aluguel, a energia, os serviços. O IGP-M, que sobe antes e mais intensamente que o IPCA, é usado para reajustar contratos de aluguel e tarifas de energia elétrica. O efeito apareceu com nitidez em abril de 2026, quando o índice saltou 2,73% em um único mês, após ter subido 0,52% em março (FGV, 2026). Assim, a alta do petróleo, ao pressionar o IGP-M, converte-se em aluguéis mais caros e contas de luz mais altas para as famílias brasileiras.

Figura 1 – Inflação mensal (IPCA e IGP-M) e preço do Brent no 1º semestre de 2026



Fontes: IBGE (2026); FGV-IBRE (2026); EIA (2026); Statista (2026). Elaboração própria. Brent: média mensal, exceto fev e mar/26 (cotações pontuais).

Discussão

Por que o brasileiro precisa ficar de olho no que acontece no mundo?

A análise dos dados revela algo fundamental: a inflação brasileira não é apenas um fenômeno doméstico. Ela é moldada, em parte significativa, por conflitos que ocorrem a milhares de quilômetros e que raramente aparecem nas manchetes do cotidiano. O cidadão que acompanha o noticiário internacional – que entende o que é o Estreito de Ormuz e percebe o impacto de uma declaração de Trump sobre o barril Brent – está mais bem preparado para decidir quando antecipar compras, como proteger suas economias da inflação e se vale contratar um aluguel indexado ao IGP-M ou ao IPCA. Ficar de olho no mundo, aqui, não é curiosidade: é orçamento doméstico.

Freitas, Costa e Santos (2025), em estudo utilizando modelo VAR (Vetor Autorregressivo – método econométrico que analisa como múltiplas variáveis econômicas se influenciam mutuamente ao longo do tempo, permitindo identificar relações de causa e efeito com defasagem temporal), demonstram que choques no preço do petróleo afetam o IPCA com defasagem de dois a quatro meses. A trajetória de 2026 é compatível com essa defasagem: o Brent atingiu o pico em abril (média mensal de US$ 117,29) e os efeitos sobre o consumidor concentraram-se entre março e maio, quando o IPCA rodou entre 0,58% e 0,88% ao mês, cedendo para 0,16% em junho, menor leitura em oito meses, depois que o cessar-fogo de 17 de junho derrubou o barril para US$ 85 em média (EIA, 2026; IBGE, 2026). Blanchard e Galí (2010) mostram que economias com política monetária crível amortecem parte desses choques; o caso brasileiro de 2026 sugere um mecanismo adicional: em um exportador de commodities com juros elevados, o canal cambial pode operar como amortecedor, e não apenas como amplificador.

Os próprios boletins do FGV IBRE registram esse movimento de ida e volta. Em março o IGP-M subiu 0,52% e, em abril, saltou 2,73%, pressionado pelos preços ao produtor. Com a normalização parcial da oferta após o cessar-fogo, o índice desacelerou para 0,84% em maio e passou a registrar deflação de 0,50% em junho (FGV, 2026). O registro institucional confirma, nos dois sentidos, que a guerra a mais de dez mil quilômetros chegou ao bolso do brasileiro – e que o alívio também chegou.

A revisão evidencia, ainda, lacunas relevantes. A literatura de referência sobre o repasse de choques de petróleo foi construída a partir de economias importadoras líquidas, nas quais o câmbio opera como amplificador; o comportamento brasileiro em 2026 sugere que exportadores de commodities com juros elevados podem apresentar transmissão assimétrica, hipótese ainda não formalizada. Além disso, o IPCA agrega treze áreas urbanas com perfis logísticos distintos, o que pode ocultar impactos diferenciados sobre regiões mais dependentes de combustível importado. Pesquisas futuras poderiam enfrentar essas lacunas com modelos que admitam assimetria no repasse cambial e com a desagregação regional dos índices de preços.

Propostas para reduzir a vulnerabilidade brasileira a choques externos

Se a vulnerabilidade do Brasil a choques externos de petróleo é estrutural, as soluções também precisam ser. A seguir, são apresentadas propostas que a literatura e o debate econômico têm sinalizado como caminhos promissores.

A primeira proposta é o incentivo à eletrificação da frota de veículos. O Brasil possui uma das maiores frotas do mundo e uma matriz elétrica predominantemente renovável (hidráulica, eólica e solar), o que torna a transição particularmente estratégica: uma frota eletrificada reduz a dependência do diesel e da gasolina e diminui o impacto inflacionário de choques externos sobre o custo do transporte de pessoas e mercadorias. Redução de IPI para veículos elétricos, expansão da infraestrutura de recarga e crédito subsidiado para frotas comerciais poderiam acelerar essa transição (Hamilton, 1983; Blanchard; Galí, 2010).

A segunda proposta é o fortalecimento da produção agrícola e da logística nacional. Como o frete rodoviário é um dos canais de transmissão mais relevantes do choque de petróleo para o IPCA, investir em modais alternativos – ferrovias e hidrovias – reduziria a dependência do diesel e tornaria o escoamento da produção agrícola menos sensível às oscilações do barril. Estímulos ao armazenamento regional de alimentos e ao cooperativismo agrícola reduziriam a volatilidade dos preços de alimentos frescos, que respondem de forma intensa a choques logísticos.

A terceira proposta é a criação de uma reserva estratégica de petróleo e combustíveis no Brasil. Estados Unidos e membros da Agência Internacional de Energia (AIE) mantêm estoques estratégicos que amortecem choques temporários de oferta; o Brasil, apesar de produtor relevante

pelo pré-sal, não dispõe de mecanismo robusto de reserva de combustíveis refinados. Sua criação permitiria ao governo manter preços mais estáveis em períodos de crise externa.

A quarta proposta diz respeito à educação financeira e ao letramento econômico da população. Programas que expliquem como a inflação funciona e por que eventos internacionais afetam o custo de vida poderiam apoiar melhores decisões – da escolha do indexador do contrato de aluguel à diversificação dos investimentos em períodos de instabilidade geopolítica.

Conclusão

Este trabalho demonstrou que a distância geográfica não isola o Brasil dos efeitos da instabilidade geopolítica internacional. O caminho que vai de uma declaração de um presidente estrangeiro ou de um conflito no Oriente Médio até o preço do tomate no supermercado brasileiro é mais curto do que parece: passa pelo Brent, pelo dólar, pelo diesel, pelo caminhão, pelo frete e chega ao carrinho do consumidor com um impacto real e mensurável sobre o IPCA e o IGP-M.

Os dados de 2022 a junho de 2026 confirmam essa cadeia de transmissão, mas revelam também a sua reversibilidade. A guerra EUA-Irã e o fechamento do Estreito de Ormuz levaram o Brent de cerca de US$ 72, em fevereiro, a uma média de US$ 117,29 em abril; o IGP-M saltou 2,73% e o IPCA acelerou para 0,88% em março e 0,67% em abril. Com o cessar-fogo de 17 de junho, o barril recuou para uma média de US$ 85, o IGP-M passou a registrar deflação (-0,50%) e o IPCA desacelerou para 0,16%, menor leitura em oito meses. A valorização do real, favorecida pelos juros elevados e pela posição do Brasil como exportador de petróleo, atenuou o repasse cambial que costuma amplificar o IGP-M. Como o conflito permanece sem solução definitiva, o ciclo pode se repetir.

A contribuição mais relevante deste trabalho está na articulação entre três dimensões frequentemente tratadas de forma separada: a técnica (funcionamento dos índices), a narrativa (o caminho do petróleo ao supermercado) e a propositiva (medidas para reduzir a vulnerabilidade estrutural). Cidadãos informados, mercado financeiro preparado e políticas públicas de longo prazo – em eletrificação de frotas, diversificação logística, reservas estratégicas e educação financeira – são os pilares de uma economia brasileira mais resiliente aos choques do mundo.

Referências

ADVFN NEWS. Preços do petróleo sobem com a persistência do impasse no conflito com o Irã. 1 mai. 2026. Disponível em: https://br.advfn.com/jornal/2026/05/precos-do-petroleo-hoje-sexta-feira-1-de-maio. Acesso em: 02 mai. 2026.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS). Disponível em: https://www.bcb.gov.br. Acesso em: 02 mai. 2026.

BLANCHARD, O.; GALÍ, J. The macroeconomic effects of oil price shocks: why are the 2000s so different from the 1970s? In: GALÍ, J.; GERTLER, M. (Eds.). International Dimensions of Monetary Policy. Chicago: University of Chicago Press, 2010. p. 373-421.

CNN BRASIL. Dólar abaixo de R$ 5: moeda deve cair mais mesmo com a guerra? Entenda. São Paulo, 14 abr. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mercado/dolar-abaixo-de-r-5-moeda-deve-cair-mais-mesmo-com-a-guerra-entenda. Acesso em: 03 ago. 2026.

CORREIOBRAZILIENSE. Conflitos no Oriente Médio elevam preço do petróleo em 7%. Brasília, 14 jun. 2025. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2025/06/7173418. Acesso em: 02 mai. 2026.

EXAME. Dólar recua 11% em 2025 e encerra o ano cotado a R$ 5,48. São Paulo, 30 dez. 2025. Disponível em: https://exame.com/invest/mercados/dolar-fechamento-hoje-30-12-2025/. Acesso em: 03 ago. 2026.

FREITAS, L.; COSTA, H. K. de M.; SANTOS, E. Efeitos do petróleo na inflação brasileira. Revista Caderno Pedagógico – Studies Publicações Ltda., Curitiba, v. 22, n. 10, p. 01-14, 2025. Disponível em: https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/19479. Acesso em: 02 mai. 2026.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS – FGV. IGP-M: resultados 2025. Instituto Brasileiro de Economia (IBRE). Rio de Janeiro: FGV, 2025. Disponível em: https://portal.fgv.br/noticias/igp-m-2025. Acesso em: 02 mai. 2026.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS – FGV. IGP-M avança 0,52% em março. Rio de Janeiro: FGV IBRE, 30 mar. 2026. Disponível em: https://portal.fgv.br/noticias/igp-m-marco-2026. Acesso em: 02 mai. 2026.
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS – FGV. IGP-M: 2026. Rio de Janeiro: FGV IBRE, 2026. Disponível em: https://portal.fgv.br/noticias/igp-m-2026. Acesso em: 03 ago. 2026.
HAMILTON, J. D. Oil and the macroeconomy since World War II. Journal of Political Economy, v. 91, n. 2, p. 228-248, 1983. DOI: https://doi.org/10.1086/261140.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Em março, IPCA vai a 0,88%. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 10 abr. 2026. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/46377. Acesso em: 02 mai. 2026.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Em abril, IPCA fica em 0,67%. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 12 mai. 2026. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/46648-em-abril-ipca-fica-em-0-67. Acesso em: 03 ago. 2026.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. IPCA fica em 0,16% em junho. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 10 jul. 2026. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/47534-ipca-fica-em-0-16-em-junho. Acesso em: 03 ago. 2026.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. IPCA em dezembro vai a 0,33% e acumula 4,26% em 2025. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 9 jan. 2026. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/45613. Acesso em: 02 mai. 2026.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php. Acesso em: 02 mai. 2026.
OBSERVATÓRIO DO MUNDO ISLÂMICO – OMI. Ataques de Israel ao Irã e o imediato reflexo no preço do petróleo. Lisboa, 2025. Disponível em: https://observatoriodomundoislamico.pt/ataques-de-israel-ao-ira-e-o-imediato-reflexo-no-preco-do-petroleo. Acesso em: 02 mai. 2026.
PODER360. Irã promete reação “rápida e dolorosa” a novos ataques dos EUA. Brasília, 6 set. 2026. Disponível em: https://www.poder360.com.br/poder-internacional/ira-promete-reacao-rapida-e-dolorosa-a-novos-ataques-dos-eua/. Acesso em: 09 set. 2026.
STATISTA. Brent crude oil price monthly 2023-2026. Hamburgo, 2026. Disponível em: https://www.statista.com/statistics/262861/uk-brent-crude-oil-monthly-price-development/. Acesso em: 03 ago. 2026.
TRADING ECONOMICS. Petróleo Brent – Preço – Série Histórica. Disponível em: https://pt.tradingeconomics.com/commodity/brent-crude-oil. Acesso em: 02 mai. 2026.
UNITED STATES. Energy Information Administration – EIA. Short-Term Energy Outlook. Washington, ago. 2026. Disponível em: https://www.eia.gov/outlooks/steo/. Acesso em: 03 ago. 2026.